

NUNCA É TARDE PARA RECOMEÇAR

*Mais de 100 milhões de livros vendidos*

# NICHOLAS SPARKS

## UM PORTO SEGURO



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Em memória de Paul e Adrienne Cote, minha maravilhosa família.  
Já sinto falta de vocês.*

# 1



**E**nquanto Katie circulava por entre as mesas, uma brisa do Atlântico agitou seu cabelo. Ela levava três pratos na mão esquerda e outro na direita, e vestia uma calça jeans e uma camisa em que se lia “Ivan’s: caiu no prato é peixe”.

Levou os pratos para quatro homens que usavam camisas polo; o mais próximo dela sorriu ao vê-la. Embora ele agisse como se fosse apenas um cara simpático, Katie tinha consciência de que continuou a observá-la quando ela se afastou da mesa. Melody havia comentado que o grupo tinha vindo de Wilmington e procurava locações para um filme.

Katie buscou uma jarra de chá gelado, encheu os copos deles e, antes de voltar para o balcão, deu uma olhada rápida na vista. Era final de abril, a temperatura estava perfeita e o céu azul se estendia até o horizonte. Apesar da brisa, o canal refletia a cor do céu. Uma dúzia de gaivotas se empoleirara na cerca, esperando para se atirar embaixo das mesas se alguém deixasse cair alguma comida.

Ivan Smith, o proprietário, odiava gaivotas. Ele as chamava de “ratos com asas” e já tinha patrulhado a cerca duas vezes com um desentupidor de pia na mão, tentando assustá-las. Melody se aproximara de Katie e confessara ficar mais preocupada com o lugar onde o desentupidor havia estado do que com as gaivotas. Katie não comentara nada.

Ela começou a preparar outra jarra de chá gelado enquanto limpava o balcão. Um instante depois, sentiu alguém tocar seu ombro. Era a filha de Ivan, Eileen, uma garota bonita de 19 anos, o cabelo preso em um rabo de cavalo, que trabalhava meio período como *hostess* do restaurante.

– Katie, você pode atender mais uma mesa?

Katie deu uma olhada em suas mesas, calculando o ritmo em sua cabeça.

– Claro.

Eileen desceu as escadas. Katie podia ouvir trechos de conversas das mesas mais próximas, pessoas falando sobre amigos, família, clima ou pesca. Em uma mesa no canto, viu duas pessoas fecharem os cardápios. Foi até elas e anotou seus pedidos, mas não se demorou puxando conversa, como Melody fazia. Não era boa nisso, mas era educada e nenhum dos clientes parecia se importar.

Vinha trabalhando no restaurante desde o início de março. Ivan a contratara em uma tarde fria e ensolarada, em que o céu estava com o mesmo tom de azul dos ovos de um tordo. Quando Ivan dissera que ela podia começar a trabalhar na segunda-feira seguinte, Katie precisara se esforçar ao máximo para não chorar na frente dele. Tinha esperado para desabar a caminho de casa. Na época, ela estava sem dinheiro e não comia havia dois dias.

Katie encheu novamente os copos dos clientes de água e chá gelado e foi para a cozinha. Ricky, um dos cozinheiros, piscou para ela. Dois dias antes, ele a convidara para sair, mas Katie explicara que não queria se envolver com ninguém do restaurante. No entanto, tinha a sensação de que ele iria tentar de novo muito em breve.

– Hoje vai ficar movimentado – comentou Ricky. Ele era louro e magro, talvez um ou dois anos mais jovem do que ela, e ainda morava com os pais.  
– Toda vez que penso que as coisas vão se acalmar, a correria recomeça.

– O dia está lindo.

– Pois é. O que me leva a perguntar: por que as pessoas vieram para cá? Elas deviam estar na praia ou pescando. É exatamente o que vou fazer quando sair daqui.

– Parece uma boa ideia.

– Posso levar você para casa mais tarde?

Ele se oferecia para levá-la de carro pelo menos duas vezes por semana.

– Não, obrigada. Não moro tão longe.

– Não é nenhum problema – insistiu ele. – Eu ficaria feliz.

– Andar faz bem.

Ela lhe entregou a comanda, que Ricky prendeu no suporte giratório antes de passar um dos pedidos para Katie. O Ivan's era um dos lugares mais tradicionais da cidade, um restaurante que já funcionava havia quase trinta anos. Desde que começara no serviço, Kate aprendera a reconhecer os frequentadores regulares e, à medida que cruzava o restaurante, sabia

discernir quem era freguês de primeira viagem. Casais flertavam, outros se ignoravam. Famílias. Ninguém parecia estranho e ninguém chegara perguntando por ela, mas ainda havia momentos em que suas mãos começavam a tremer, e Katie continuava dormindo com uma luz acesa.

Seu cabelo estava castanho e curto; vinha pintando-o na pia da cozinha da pequena cabana que alugara. Ela não usava maquiagem e sabia que seu rosto acabaria pegando um pouco de cor, talvez até demais. Lembrou-se de que precisava comprar protetor solar, mas, depois de pagar o aluguel e as contas da casa, não sobrara muito para luxos. O emprego no Ivan's era bom, e ela estava feliz, mas as gorjetas não eram generosas. Com sua dieta de arroz e feijão, macarrão e mingau de aveia, havia perdido peso nos últimos quatro meses. Podia sentir as costelas por baixo da blusa e, até algumas semanas antes, tinha olheiras que acreditava que nunca sumiriam.

– Acho que aqueles caras estão olhando para você – disse Melody, acenando com a cabeça em direção à mesa com os quatro homens do estúdio de cinema. – Principalmente o bonitinho de cabelo castanho.

– Ah – respondeu Katie e começou a fazer mais café.

Melody tinha fama de fofqueira, então Katie não costumava falar muito com ela.

– O quê? Você não acha que ele é bonito?

– Não prestei atenção.

– Como você pode não notar quando um cara é bonito?

Incrédula, Melody a encarava.

– Não notando – respondeu Katie.

Como Ricky, Melody era mais nova do que Katie, talvez tivesse uns 25 anos. Tinha olhos verdes, era ruiva, bastante atrevida, e namorava um cara chamado Steve, que fazia entregas para uma loja de materiais de construção do outro lado da cidade. Como todos os outros funcionários do restaurante, Melody crescera em Southport, que descrevia como um paraíso para crianças, famílias e idosos, mas o lugar mais desolador da Terra para pessoas solteiras. Pelo menos uma vez por semana, dizia a Katie que planejava se mudar para Wilmington, que tinha bares, clubes e muito comércio. Ela parecia saber tudo sobre todos. Fazer fofoca, pensava Katie às vezes, era a verdadeira profissão de Melody.

– Soube que Ricky a chamou para sair – disse ela, mudando de assunto –, mas você não topou.

– Não gosto de sair com pessoas do trabalho.

Katie fingia estar compenetrada em organizar os talheres.

– Poderíamos marcar um encontro duplo. Ricky e Steve pescam juntos.

Katie não sabia se essa ideia tinha sido de Ricky ou de Melody. Talvez as duas coisas. À noite, depois que o restaurante fechava, a maioria dos funcionários ficava por ali um tempo, batendo papo e tomando cerveja. Fora Katie, todos trabalhavam no Ivan's havia anos.

– Não acho uma boa ideia.

– Por que não?

– Tive uma experiência ruim uma vez – respondeu Katie. – Quando saí com um cara do trabalho, quero dizer. Desde então, criei essa regra de não fazer isso de novo.

Melody revirou os olhos antes de correr até uma das mesas. Katie entregou duas contas e tirou os pratos vazios. Ela se manteve ocupada, tentando ser eficiente e invisível. Sempre de cabeça baixa, cuidou para que o balcão ficasse impecável. Isso fazia o dia passar mais rápido. Ela não flertou com o cara do estúdio e ele não olhou para trás quando foi embora.

Katie trabalhava tanto no turno do almoço quanto no do jantar. Ela adorava ver o céu passar de azul para cinza, para laranja e amarelo na borda ocidental do mundo, à medida que o dia dava lugar à noite. Durante o pôr do sol, a água cintilava e os veleiros deslizavam com a brisa. Os galhos dos pinheiros pareciam brilhar. Assim que o sol sumiu no horizonte, Ivan ligou os aquecedores a gás e as resistências se iluminaram como abóboras de Dia das Bruxas. O rosto de Katie estava um pouco bronzeado, e as ondas de calor que saíam dos aquecedores faziam sua pele arder.

Abby e Big Dave substituíram Melody e Ricky à noite. Abby estava no último ano do ensino médio e ria muito, e Big Dave vinha preparando jantares no Ivan's havia quase vinte anos. Ele era casado, tinha dois filhos e uma tatuagem de escorpião no braço direito. Pesava quase 150 quilos e, na cozinha, seu rosto estava sempre brilhando de suor. Gostava de dar apelidos para todo mundo e a chamava de Katie Kat.

A correria do jantar durou até nove horas. Quando o restaurante começou a esvaziar, Katie limpou tudo e fechou o balcão. Os ajudantes de garçom e ela levaram os pratos para o lava-louça enquanto os últimos clientes terminavam suas refeições. Em uma das mesas, havia um jovem casal e ela vira as alianças em seus dedos. Eram bonitos e pareciam felizes, e ela teve

uma sensação de déjà-vu. Já fora como eles, em um passado distante. Ou assim pensava, porque descobrira que tudo havia sido uma ilusão. Katie se afastou do casal feliz, desejando poder apagar suas lembranças para sempre e nunca mais sentir aquilo.



# 2



**N**a manhã seguinte, Katie entrou na varanda com uma xícara de café, as tábuas do assoalho rangendo sob os seus pés descalços, e se encostou na cerca. Lírios brotavam em meio à grama. Ela ergueu a xícara, deliciando-se com o aroma enquanto tomava um gole.

Ela gostava dali. Southport era diferente de Boston, Filadélfia ou Atlantic City, com seus intermináveis barulhos de tráfego e pessoas correndo pelas calçadas. Era a primeira vez na vida que tinha um lugar que podia chamar de seu. A cabana não era grande coisa, mas ficava afastada e isso era o suficiente. Era uma das duas construções idênticas localizadas no final de uma estrada de cascalho: antigas cabanas de caça com paredes de tábuas de madeira, aninhadas junto a um bosque de carvalhos e pinheiros na beira de uma floresta que se estendia até a costa.

A sala de estar e a cozinha eram pequenas e o quarto não tinha closet, mas a casa era bem mobiliada, incluindo simpáticas cadeiras de balanço na varanda da frente. Além disso, o aluguel era uma pechincha. O lugar não estava caindo aos pedaços, mas se encontrava empoeirado após anos de abandono, e o senhorio se oferecera para comprar os materiais necessários se Katie estivesse disposta a dar um jeitinho nele. Desde que se mudara, ela passara a maior parte de seu tempo livre fazendo exatamente isso. Esfregara o banheiro até ficar brilhando, lavara o teto com um pano úmido. Limpou as janelas com vinagre e passou horas ajoelhada, fazendo de tudo para remover a ferrugem e a sujeira do linóleo da cozinha. Tapou buracos nas paredes com massa e depois lixou até ficar tudo lisinho. Pintou as paredes da cozinha de um tom vivo de amarelo, e os armários, de um branco acetinado. Seu quarto agora era azul-claro, a sala de estar, bege e, na semana anterior, tinha colocado uma capa nova no sofá, o que fazia com que parecesse praticamente novo.

Como já tinha acabado a maior parte do trabalho, ela gostava de se sentar à tarde na varanda da frente e ler livros que pegava na biblioteca. Além de café, leitura era seu único luxo. Ela não tinha televisão, rádio, celular, micro-ondas e nem mesmo um carro. Poderia guardar todos os seus pertences em uma única bolsa. Tinha 27 anos, fazia algum tempo que deixara de ser loura e de usar o cabelo comprido, e não tinha nenhum amigo de verdade. Havia se mudado para lá sem quase nada e, meses depois, ainda possuía muito pouco. Ela guardava metade de suas gorjetas e, todas as noites, colocava o dinheiro em uma lata de café que mantinha escondida em um espaço estreito embaixo da varanda. Esse dinheiro era só para emergências e Katie preferiria passar fome a mexer nele. Respirava mais tranquila só de saber que tinha aquelas economias ali, porque o passado estava sempre à espreita e podia voltar a qualquer momento. Seu passado corria o mundo à sua procura, e ela sabia que ficava mais irritado a cada dia.

– Bom dia – chamou uma voz, interrompendo seus pensamentos. – Você deve ser a Katie.

Na varanda caindo aos pedaços da cabana ao lado, Katie viu uma mulher com cabelo castanho comprido e revoltado acenando para ela. Parecia ter uns 30 e poucos anos e vestia uma calça jeans e uma camisa de botão com as mangas enroladas até os cotovelos. Katie também notou um par de óculos de sol aninhado em seus cachos emaranhados. A mulher segurava um pequeno tapete e parecia pensar se devia ou não sacudi-lo, até finalmente deixá-lo no chão e seguir em direção a Katie. Ela se movia com a energia e a facilidade de alguém que se exercitava regularmente.

– Irv Benson me disse que seríamos vizinhas.

*O senhorio*, pensou Katie.

– Eu não sabia que alguém se mudaria para cá.

– Acho que nem ele. Quase caiu da cadeira quando disse que ficaria com o lugar.

A essa altura, ela já tinha chegado à varanda de Katie e estendia a mão.

– Meus amigos me chamam de Jo.

– Oi – disse Katie, cumprimentando-a.

– Dá para acreditar nesse tempo? Está maravilhoso, não é?

– É uma linda manhã. Quando você se mudou?

– Ontem à tarde. Para minha alegria, passei a noite inteira espirrando.

Acho que Benson juntou toda a poeira que podia e armazenou na minha casa. Você não iria acreditar em como está aquilo lá.

Katie acenou com a cabeça em direção à porta.

– A minha estava do mesmo jeito.

– Não parece. Desculpe, não pude deixar de dar uma espiada pela sua janela quando estava na minha cozinha. Sua casa é iluminada e alegre. Eu, por outro lado, aluguei um calabouço empoeirado e cheio de teias de aranha.

– O Sr. Benson me deixou pintar.

– Aposto que sim. Desde que o Sr. Benson não tenha que fazer nada, aposto que ele vai me deixar pintar também. Ele fica com um imóvel limpo e agradável e eu, com todo o trabalho. – Ela abriu um sorriso irônico. – Há quanto tempo você mora aqui?

Katie cruzou os braços, sentindo o sol da manhã aquecer seu rosto.

– Quase dois meses.

– Não tenho certeza se aguento muito tempo. Se eu continuar espirrando como ontem à noite, minha cabeça provavelmente vai cair antes disso. – Ela estendeu a mão para pegar os óculos de sol e começou a limpar as lentes com a camisa. – Você gosta de Southport? É um mundo diferente, não acha?

– Como assim?

– Você não parece ser daqui. Eu chutaria que é do Norte...

Mesmo hesitante, Katie assentiu.

– Foi o que eu pensei – continuou Jo. – É preciso algum tempo para se acostumar com Southport. Quero dizer, eu sempre gostei daqui, mas adoro cidades pequenas.

– Você é daqui?

– Eu cresci aqui, fui embora e acabei voltando. A história mais antiga que existe, não é mesmo?

Katie sorriu. Por um instante, ninguém disse nada. Jo parecia satisfeita em ficar parada, esperando que ela fizesse a próxima jogada. Katie tomou um gole de café, olhando para a floresta, e então se lembrou das suas boas maneiras.

– Quer uma xícara de café? Acabei de fazer.

Jo colocou os óculos de sol de volta na cabeça, enfiando-os no cabelo.

– Sabe, eu estava esperando que você dissesse isso. Eu *adoraria* uma xí-

cara de café. Minha cozinha toda ainda está encaixotada e meu carro está na oficina. Você imagina como é encarar o dia sem cafeína?

– Faço uma ideia.

– Bem, só para você saber, sou uma verdadeira viciada em café. Principalmente nos dias em que preciso desencaixotar coisas. Já falei que odeio desencaixotar?

– Acho que não.

– É a pior tarefa que existe. Ter que pensar onde colocar tudo, batendo os joelhos em caixas enquanto esbarra na bagunça. Não se preocupe... Não sou o tipo de vizinha que pede esse tipo de ajuda. Mas café, por outro lado...

– Venha. – Katie acenou para ela entrar. – Mas saiba que a maioria dos móveis já era daqui.

Depois de atravessar a cozinha, Katie pegou uma xícara no armário e encheu até a borda. Então a entregou a Jo.

– Sinto muito, mas não tenho creme nem açúcar.

– Não esquenta – disse Jo, pegando a xícara. Ela soprou o café antes de tomar um gole. – Bem, é oficial. De agora em diante, você é minha melhor amiga no mundo inteiro. Está tããõ bom.

– Obrigada – disse Katie.

– Benson falou que você trabalha no Ivan's.

– Sou garçonete.

– Big Dave ainda trabalha lá? – Quando Katie assentiu, Jo continuou: – Ele está lá desde antes de eu ir para o ensino médio. Dave ainda dá apelidos para todo mundo?

– Sim.

– Como anda a Melody? Ela ainda fica falando como os clientes são bonitos?

– Sempre.

– E Ricky? Ainda dá em cima das novas garçonetes?

Quando Katie assentiu de novo, Jo riu.

– Aquele lugar nunca muda.

– Você trabalhou lá?

– Não, mas é uma cidade pequena e o Ivan's é praticamente uma instituição local. Além disso, quanto mais tempo você mora aqui, mais entende que não existem segredos neste lugar. Todo mundo sabe da vida de todo

mundo. Algumas pessoas, como, digamos... a Melody... elevaram a fofoca a uma forma de arte. Isso costumava me deixar maluca. É claro que metade das pessoas em Southport é assim também. Não há muita coisa para se fazer aqui, além de fofocar.

– Mas você voltou.

Jo deu de ombros.

– O que posso dizer? Talvez eu goste dessa loucura. – Ela tomou outro gole de café e apontou para fora da janela. – Sabe, quando morei aqui antes, nem sabia que esses dois lugares existiam.

– O senhorio disse que eram cabanas de caça. Faziam parte de uma fazenda antes de colocá-las para alugar.

Jo balançou a cabeça.

– Não acredito que você se mudou para cá.

– Você também veio morar aqui – ressaltou Katie.

– Sim, mas a única razão pela qual considereei a ideia foi porque eu sabia que não seria a única mulher no final de uma estrada de cascalho no meio do nada. É meio isolado aqui.

*Foi exatamente por isso que fiquei mais do que feliz em alugá-la,* pensou Katie consigo mesma.

– Não é tão ruim. Já me acostumei.

– Espero me acostumar também – disse ela, antes de soprar de novo o café e prosseguir: – O que a trouxe a Southport? Com certeza não foi o incrível potencial de carreira no Ivan's. Você tem família por aqui? Pais? Irmãos?

– Não – disse Katie. – Só eu.

– Veio por causa de um namorado?

– Não.

– Então você apenas... se mudou para cá?

– Sim.

– Por que diabo faria isso?

Katie não respondeu. Eram as mesmas perguntas que Ivan, Melody e Ricky tinham feito. Não havia segundas intenções por trás das perguntas, era apenas curiosidade natural. Mesmo assim, ela nunca sabia bem o que dizer, além da verdade.

– Só queria um lugar onde pudesse recomeçar.

Jo tomou outro gole de café, aparentemente pensando na resposta, mas, para surpresa de Katie, não perguntou mais nada. Em vez disso, assentiu.

– Faz sentido. Às vezes, recomeçar é exatamente o que uma pessoa precisa. Eu acho admirável. Muita gente não tem a coragem necessária para fazer algo assim.

– Você acha?

– Tenho certeza – disse ela. – Então, o que você vai fazer hoje enquanto eu estiver aqui reclamando, desencaixotando e limpando até minhas mãos ficarem em carne viva?

– Tenho que trabalhar mais tarde. Mas, fora isso, não muita coisa. Preciso dar um pulo no armazém para comprar algumas coisas.

– Você vai ao Fisher’s ou até a cidade?

– Vou ao Fisher’s.

– Já viu o proprietário de lá? O cara de cabelo grisalho?

Katie fez que sim.

– Uma ou duas vezes.

Jo terminou o café e colocou a xícara na pia antes de suspirar.

– Tudo bem – disse ela, parecendo nem um pouco entusiasmada. – Chega de enrolar. Se eu não começar agora, não vou terminar nunca. Me deseje sorte.

– Boa sorte.

Jo acenou ligeiramente a mão.

– Foi bom conhecer você, Katie.



Da janela da cozinha, Katie podia ver Jo agitando o tapete que tinha deixado de lado antes. Ela parecia ser uma pessoa bem agradável, mas Katie não tinha certeza se estava pronta para ter uma vizinha. Embora pudesse ser bom bater papo com alguém de vez em quando, havia se acostumado a ficar sozinha.

Por outro lado, sabia que morar numa cidade pequena significava que seu isolamento não duraria para sempre. Precisava trabalhar, fazer compras e andar pela cidade; alguns dos clientes do restaurante já a reconheciam. Além disso, tinha de admitir que havia gostado de conversar com Jo. Por alguma razão, sentia que ela era mais do que aparentava, que era... confiável. Ela também morava sozinha, o que definitivamente era uma coisa boa. Katie não imaginava como teria reagido se um homem tivesse se

mudado para a casa ao lado e se perguntou por que nunca havia considerado aquela possibilidade.

Lavou as xícaras de café, depois as guardou de volta no armário. O ato era tão familiar – guardar duas xícaras depois do café da manhã – que, por um instante, Katie se sentiu tragada pela vida que tinha deixado. Suas mãos começaram a tremer e ela precisou respirar fundo algumas vezes até se acalmar. Dois meses antes, não teria sido capaz de fazer isso; até mesmo duas semanas antes, não haveria muito que pudesse fazer para se controlar. Embora estivesse contente que as crises de ansiedade não a dominassem mais, isso também significava que estava ficando à vontade ali, o que a assustava. Ficar à vontade significava baixar a guarda, e ela nunca poderia deixar isso acontecer.

Mesmo assim, estava feliz por ter ido parar em Southport. Era uma pequena cidade histórica com alguns milhares de habitantes, na foz do rio Cape Fear. Um lugar com calçadas, árvores frondosas e flores que brotavam do solo arenoso. Barbas-de-velho pendiam dos galhos das árvores, enquanto *kudzus* subiam pelos troncos secos. Tinha visto crianças andando de bicicleta e jogando beisebol nas ruas e havia se maravilhado com o número de igrejas, praticamente uma em cada esquina. Dava para ouvir grilos e sapos à noite. Parecia o lugar perfeito desde o início. Era *seguro*, como se de alguma forma a chamasse, prometendo abrigo.

Katie calçou seu único calçado: um par de tênis All Star já bem surrado. A cômoda estava praticamente vazia e quase não havia comida na cozinha, mas, quando saiu de casa e seguiu para a loja sob a luz do sol que brilhava lá fora, pensou: *Este é o meu novo lar*. Então sentiu o cheiro forte de jacinto e de grama recém-cortada e se deu conta de que não era feliz assim havia muito tempo.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)